



## **EXPERIMENTANDO NOVA REALIDADE: RELATO DE PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E ESCRITA PARA O JOVEM LEITOR DO SÉCULO XXI**

Noêmia Coutinho Pereira Lopes

Colégio São Mateus (CSM) – Faculdade de Direito Santo Agostinho (Fadisa)

Professora Mestre

Graduada em Letras (Português-Inglês), pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino do Português e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), atualmente é professora da Educação Básica, ministrando aulas de Literatura para o 8º e o 9º ano e de Português Jurídico, no Curso de Direito.

Além de professora, desenvolve projetos de incentivo à leitura e escrita com alunos, revisão e crítica literária, tendo como resultado desse, oito livros de alunos publicados até a presente data.

[noemiacoutinho@hotmail.com](mailto:noemiacoutinho@hotmail.com)

### **RESUMO**

A sociedade está bem diferente hoje se comparada há 10, 15 anos. O cenário político, econômico e social mudou – novos paradigmas surgiram e, dentre eles, a importância de se refletir o ensino de literatura nas escolas, sejam estas de educação básica ou de ensino médio, uma vez que leitor somos todos nós, ou o que deveríamos ser. No entanto, a realidade de leitura do jovem brasileiro apresenta-se distante da média ideal, onde em grande parte das escolas, públicas e privadas, encontramos quase sempre analfabetos funcionais, mesmo estes já concluindo o ensino médio. Se a leitura é a base para a compreensão, interpretação, escrita e atuação no mundo, faz-se necessário repensar práticas pedagógicas que verdadeiramente instrumentalizem esse jovem no universo de possibilidades de leitura. O que se percebe é que muitas práticas pedagógicas continuam as mesmas de final de século XIX, numa sociedade de século XXI, plural, questionadora e com enorme facilidade de acesso a informações. Se nas aulas de literatura do ensino fundamental ao aluno raramente são apresentadas as obras clássicas da literatura de maneira que o tornem leitor e apreciador destas – integrais ou releituras –, maior dificuldade esse mesmo aluno encontrará quando, no ensino médio se deparar com obras que lhe exijam uma maior maturidade linguística. Pensando por esse viés, o presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência quando da criação do projeto “Escritores da liberdade na estrada de tijolos amarelos”, desenvolvido com alunos das séries finais de ensino fundamental e ensino médio e os resultados e desdobramentos deste que hoje conta com oito livros de alunos publicados e outros por vir, sendo uma das alunas agora contratada de uma editora. Para isso, foram observados os postulados de Antoine de Compagnon, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo e Lúcia Castello Branco.

**PALAVRA-CHAVE:** literatura infanto-juvenil; leitura; escrita

## ABSTRACT

Society is very different today compared to 10, 15 years ago. The political, economic and social scenario has changed - new paradigms have emerged and, among them, the importance of reflecting the teaching of literature in schools, be they basic education or high school, since we are all readers, or what we should be. However, the reading reality of the young Brazilian is far from the ideal average, where in most schools, public and private, we are almost always functional illiterates, even those who have finished high school. If reading is the basis for understanding, interpreting, writing and acting in the world, it is necessary to rethink pedagogical practices that truly instrumentalize this young person in the universe of reading possibilities. What is perceived is that many pedagogical practices remain the same at the end of the nineteenth century, in a twenty-first century society, plural, questioning and with enormous ease of access to information. If in the literature classes of the elementary school students are rarely presented classic works of literature in a way that make them a reader and appreciator of these - integrals or re-readings -, greater difficulty this same student will encounter when, in high school, he comes across works that require greater linguistic maturity. Thinking about this bias, this paper aims to present an experience report when creating the project "Writers of freedom on the yellow brick road", developed with students of the final grades of elementary and high school and the results and developments of today has eight books of published students and others to come, being one of the students now contracted of a publishing house. For that, the postulates of Antoine de Compagnon, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo and Lúcia Castello Branco were observed.

**KEYWORDS:** juvenile literature; reading; writing

## INTRODUÇÃO

*É que somente a leitura intensa, constante, é capaz de construir e desenvolver um eu autônomo.*

*Harold Bloom<sup>1</sup>*

Mirna Pinsky, em seu artigo intitulado “Os trilhos e o trem”<sup>2</sup> aborda sua experiência pessoal ao nos relatar como se deu seu encantamento com a literatura. De maneira leve, conduz o leitor pelas linhas, fazendo com que este busque relembrar suas próprias experiências com os livros. Já no primeiro parágrafo, relata que

---

<sup>1</sup> Como e por que ler. Tradução de José Roberto O’Shea. Apud Compagnon 2009, p. 49.

<sup>2</sup> Literatura e outras linguagens. Organização de Beth Brait

O que veio primeiro foi o encantamento pelas palavras dos outros. Sem, claro, perceber o que me acontecia, fui sendo transportada para fora da chatice de minhas limitadas rotinas ao embarcar em hipérboles alheias. E o instrumento desse traslado, a palavra, me parecia perfeitamente ao meu alcance (PINSKY, 2010, p. 83).

Dessa forma, inspirando-me nas “palavras dos outros”, inicio esse relato de experiência, aqui apresentado em forma de Comunicação Oral. Antes de partirmos para o relato em si, faz-se necessário uma apresentação. Interessante remontar um pouco no tempo e pensar quando meu encanto com a literatura teria começado. Nesse devaneio pessoal, acabo por também me questionar qual teria sido esse meu primeiro contato. E embora eu não consiga me lembrar da primeira semente – o que mostra que isso já faz um tempinho! – de dois momentos eu não me esqueço: o primeiro quando, ainda no Ensino Fundamental, minha professora de Literatura, uma doce senhora que nos encantava a todos com seu jeitinho de vó que olha para o neto com a certeza de que o amanhã valerá a pena, solicitou que escrevêssemos uma carta. Havia instruções a seguir, no entanto, o conteúdo era pessoal. E quando, dias depois, ela leu para a turma as cartas que havia selecionado entre as mais poéticas, qual não foi minha surpresa em ouvir daquela doce voz, as palavras que eu havia escrito! A emoção com que ela leu e os olhos marejados ao final, apresentando-me à turma como a autora da carta despertaram em mim uma vontade de saber mais, de entender o poder de encantar que as palavras poderiam adquirir.

Se uma atividade escolar, talvez feita às pressas, poderia emocionar alguém, tenham certeza de que esse alguém não foi a professora ou as colegas que me aplaudiram. Esse alguém foi eu mesma. Recentemente eu vi essa professora saindo de um táxi no centro da cidade. Tão velhinha, parecia tão frágil aguardando o motorista parar o trânsito em nossas ruas estreitas para que ela pudesse, vagarosamente e apoiada a uma bengala, descer e entrar em uma loja. Observei que o motorista do ônibus que estava logo atrás parou e esperou toda a eternidade dos minutos daqueles passos já tão lentos. E em nenhum momento ele esboçou impaciência. Ele esperou, com um sorriso no rosto. Talvez pelo respeito que todos nós devemos ter para com nosso semelhante. Talvez porque, quem sabe, ele um dia tenha sido aluno dela também. Claro que entrei na loja. Eu precisava vê-la mais de perto. Ela aguardava sentada em uma cadeira, descansando não apenas dos poucos passos que dera, mas de um corpo que demonstra claros sinais de que não mais acompanha a vontade de continuar seguindo. Passei por ela algumas vezes. Bem, ela não me reconheceu. Apenas me devolveu um sorriso. Para mim, foi novamente um prêmio porque se hoje estou aqui, escrevendo esse texto e me emocionando com essas lembranças é porque ela me proporcionou sentir isso há alguns anos. Alguma coisa me diz que naquele sorriso, ela sabe disso.

O segundo momento foi já no Ensino Médio em que, durante uma apresentação de trabalho, a professora informou que sortearia alguém do grupo para fazer a leitura de um excerto de um livro. Eu fui sorteada. Quando me vi na frente, com todos me olhando, eu respirei fundo e deixei a emoção fluir. Não era eu quem lia. Era o personagem que falava por minha boca. Mais do que aqueles aplausos de todo encerramento de apresentação, foi o olhar de encantamento para com o texto que me chamou atenção. Ali, mais uma vez, a literatura me proporcionou uma sensação tão

diferente e desafiadora que entendi o que queria fazer. Eu seria professora! E professora de Literatura!

## REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho foi baseado na prática pedagógica que desenvolvo, como pesquisadora e observadora da realidade em que me encontro (também observando grandes profissionais da área), bem como nos postulados de nomes que merecem muita consideração, seja pelas pesquisas que desenvolvem – ou desenvolveram –, ou pelas reflexões que propõem sobre o fazer literário (apreciação e criação) e sobre apontamentos acerca de práticas pedagógicas e seus desdobramentos na vida do aluno. Foram observados os postulados de Antoine de Compagnon, Mirna Pinsky, Ricardo José Duff Azevedo e Lúcia Castello Branco.

## OBJETIVOS

Proporcionar ao aluno do século XXI aulas com conteúdo, que sejam dinâmicas e que instiguem a buscar mais tem sido um grande desafio dos professores atualmente. Dessa forma, o presente trabalho objetiva apresentar um relato de experiência do projeto que desenvolvo com alunos das séries finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, compartilhando com os colegas um exemplo de prática pedagógica para o aluno do século XXI.

## METODOLOGIA

Há aproximadamente nove anos percebi o quanto a sociedade estava em processo de se repensar as práticas consagradas, sobretudo no campo da educação. Aulas, dinâmicas e abordagens que eram antes garantia de interesse por parte dos alunos passaram a ser entendidas como mais um horário a ser cumprido por eles. Diante desse novo cenário, era preciso agir. Com cursos de capacitação e leituras, bem como entrevistas com os alunos e análise de resultados, um novo perfil de aula passou a fazer parte de minha rotina pedagógica. Após essa etapa, formalizou-se – porque sempre incentivei! – o projeto de incentivo à leitura e escrita dos alunos e quando em 2011 o primeiro livro foi publicado, o projeto adquiriu o formato que tem hoje.

## DESENVOLVIMENTO

### Ensino de Literatura

Analisando o atual panorama em que se encontra o ensino de Literatura em muitas escolas brasileiras, muitas vezes sendo destinada a essa disciplina apenas uma aula por semana a fim de que se cumpra uma grade curricular – ou, em grande parte, dentro da disciplina Português, passando esta a ser vista como conteúdo de “menor

importância” e não como disciplina – faz-se interessante refletir sobre qual o lugar da Literatura na sociedade contemporânea.

Segundo Ricardo José Duff Azevedo,

se é verdade que os homens são condicionados e moldados pelo sistema cultural a que pertencem, o nosso poderia ser caracterizado pelo individualismo, pela valorização da técnica e pela economia. E também caracterizado, sem medo de errar, pela despolitização ampla, geral e irrestrita (AZEVEDO, 2014, p. 93).

Partindo dessa ideia de contemporaneidade, percebemos o quão distante as pessoas estão umas das outras – sejam essas outras a família, os amigos ou, o que acontece em muitos casos, distantes delas mesmas. Parece que a alienação tem se tornado algo rotineiro nas discussões em torno dos assuntos, sejam eles relevantes ou não. E se não é possibilitado que se reflita sobre papéis e posturas na sociedade, como resolver outras questões em que seja necessário assumir um posicionamento?

É notório que há uma mudança no perfil da sociedade. Novas posturas, novos paradigmas. O presente relato não tem como objetivo discorrer sobre as causas, os efeitos e as soluções para essa nova realidade, até mesmo porque mudanças fazem parte do desenvolvimento de qualquer um. No entanto, o ponto de partida para a discussão ora proposta é pensar por que a literatura tem se tornado, em muitas escolas, uma disciplina menor e o que pode ser feito para reverter esse quadro. Infelizmente, há famílias que quando querem punir as crianças por algo que fizeram em desacordo com as regras da casa, colocam essa criança em um canto destinado ao castigo – ou para os politicamente corretos, “cantinho da reflexão”, com um livro nas mãos. Sim! O momento de castigo é associado ao livro! Como consequência disso, temos mais pessoas se distanciando da literatura e mais famílias se distanciando delas mesmas.

Se nessa nova sociedade o lugar das discussões tem se tornado o bate-papo ou a fofoca – ou ainda, as brigas – por meio dos eletrônicos e seus aplicativos, esse processo de despolitização, de olhar nos olhos, de buscar entender e se colocar no lugar do outro fica gravemente comprometido, tendo em vista claramente que uma das consequências tem sido a falta de criticidade sobre aquilo que é exposto, aquilo que é partilhado. Como propõe Azevedo,

[p]ois bem: onde estão os leitores num ambiente assim? Não vejo como pensar em leitores sem discutir o que é ficção. Em tempos tecnocratas, onde o significado da vida parece estar relacionado, como disse, a coisas como utilitarismo, impessoalidade, controle, informação, produção, mercados, consumos e lucros, surge a pergunta: para que comprar livros de ficção e poesia? Para que gastar dinheiro à toa? Por que não ficar apenas com os manuais técnicos? (AZEVEDO, 2014, p. 94)

Diante disso, proponho um questionamento pessoal. E por que sim à literatura se em grande parte o que vemos é relações que primam pela impessoalidade em seus

arranjos, não havendo lugar para que se ocupe de leitura de ficção, de sentimentos que sejam despertados pelo simples fato de ler palavras escritas em um papel? Se os professores são formados já nesse contexto de que não se valoriza a literatura na escola, nem os alunos, nem mesmo suas famílias que informam ainda não terem adquirido o livro solicitado pelo preço acima das possibilidades, mas que ostentam celulares de última geração, cheios de aplicativos, entretanto sem espaço para baixar um livro virtual, como ainda dizer sim à literatura? Como sabemos, há uma enorme diferença entre preço e valor das coisas, embora muitos tenham se esquecido disso.

Um dos grandes papéis da escola é a formação do cidadão. Não apenas o cidadão aritmético, o linguista, o cientista entre outros. Cabe também à escola, despertar no aluno o interesse em conhecer outras possibilidades, questionar outros sistemas, repensar atitudes. É preciso educar também a emoção. Assim, não é possível ignorar o fato de deixarmos que as aulas de literatura nas escolas se tornem aquele momento do castigo de outrora. É preciso que as aulas não mais deixem de ser programadas com a mesma importância de conteúdos tecnicistas. É preciso de um clima aconchegante onde não se é possível mudar de ambiente. É possível se deixar encantar pelas possibilidades.

No entanto, todo esse encantamento deve vir primeiro do professor. Como um profissional que assume uma responsabilidade, o professor deve se aprimorar não apenas nas informações e – talvez principalmente – sim em técnicas que lhe permitam levar a essa nova sociedade todo um universo de possibilidades para que novamente, o brilho nos olhos possa voltar e, como mencionou Guiommar de Gramont<sup>3</sup>, as pessoas se tornem mais humanas.

Foi observando essa realidade que comecei, há alguns anos, a incentivar os alunos a colocarem no papel suas angústias, reflexões, dúvidas, ideias... Costumo dizer a eles que sentimentos não foram feitos para serem guardados. Se são bons, devem ser compartilhados; se não são tão bons, devem ser externados em um papel, por exemplo, para que o autor possa, ao mesmo tempo que se alivia desse sentimento, entender o que está se passando.

Ao apresentar a biografia de autores canônicos e o contexto de produção de cada um, os alunos começam a perceber que estes não nasceram escritores prontos e sim, foram se construindo, se moldando ao longo do caminho. Observam, também, que alguns passaram por muitos problemas pessoais e que a escrita foi uma das formas que encontraram para exercitar esse entendimento de si, seja escrevendo sobre eles ou sobre os outros.

A partir daí, os alunos começam a buscar na escrita, mais que uma obrigação escolar. Eles percebem a escrita como parceira no processo de entendimento deles mesmos. Há encantamento, há brilho no olhar, há vontade em escrever!

Justamente por estarmos vivendo outra era – que seja a tecnológica – é possível e necessário refazer os questionamentos daquilo que estamos ensinando, compartilhando, seja numa sala de universidade ou numa escola de educação básica. Não há como negar que além de pensarmos a formação do futuro professor, é importante que se problematize a responsabilidade daquilo que irá desenvolver em uma sala de aula, independente da idade e do contexto dos alunos.

---

<sup>3</sup> In “A pensar fundo na questão, eu diria que ler devia ser proibido”.

Mais um aparte, recentemente eu estive em um dos presídios de nossa cidade e, quando me apresentei, perguntaram-me se eu estava portando algum tipo de arma. Levantei a caneta que levava nas mãos. E como resposta, obtive que se tratava da mais poderosa delas.

É interessante ressaltar que o presente relato não tem como propósito apontar problemas e soluções mágicas e sim, fazer-nos questionar sobre uma inversão de valores que ora percebemos nas escolas. Hoje, o acesso aos livros é muito mais fácil, mesmo para aquele que não tem condições financeiras que lhe favoreçam ser um consumidor em livrarias. E se a escola deve proporcionar aos alunos acesso a informações que lhes permitam atuar na sociedade em que vivem, por que esse papel parece não estar sendo cumprido com a seriedade que merece? A leitura liberta porque nos faz pensar com nossos próprios pensamentos, mesmo com base nos dos outros, faz com que ousemos com nossas próprias pernas.

### Resgate do encantamento

Praticamente um terreno com grande potencial, numa “terra em que se plantando tudo dá”, o aluno está à disposição para o caminho que lhe mostrarem. Não apenas porque ele tem de responder a provas e suas notas lhe renderão a aprovação, mas porque vê na figura do professor alguém de mais experiência e que se encontra para orientar. No entanto, com tantas inversões de valores, esse professor muitas vezes é encarado como o “inimigo” da turma, e mesmo que não seja sempre, ainda é possível mostrar uma nova maneira de caminhar, agora não de olhos baixos e sim na confiança de que haverá um amanhã.

Compagnon nos aclara que

[a] literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (COMPAGNON, 2009, p. 47).

E é exatamente isso que encontramos em uma sala de aula: diversidade. A sociedade cada vez mais egoísta e, despolitizada, vive a alienação de que poucas vezes o outro existe e seus sentimentos não importam. Surge então, atrelado à formação do professor de literatura, a necessidade de convidar o outro não a uma obrigação, mas a uma espécie de exploração, de aventura, de descoberta. Com o convite feito, a magia começará. Entre aquele momento de silêncio para escutar o convite e a reação se fora aceito ou não está o papel do professor. Talvez os convites à literatura tenham sido feitos sem muito entusiasmo. Muito provavelmente, mesmo numa turma indisciplinada, haverá alguém interessado e quem sabe esse alguém possa contagiar os demais colegas porque ele fora contagiado pelo brilho e entusiasmo do professor?

Para Compagnon,

[a] literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (COMPAGNON, 2009, p. 50).

E sendo o aluno e o professor pessoas em constante transformação, não há como não tentar mudar essa realidade. Alunos são como barcos à deriva na imensidão de possibilidades do mar. Se houver quem lhes faça o convite, mesmo que não se consiga atingir a todos, alguém sairá do lugar rumo a um destino.

Em sala de aula, com alunos entre 12 e 15 anos tenho experimentado esse convite. Há aproximadamente nove anos essas inquietações frente à mudança da sociedade me chamaram a atenção. Não era mais possível fazer igual em uma sociedade diferente de outrora. Assim, buscando maneiras novas de fazer o convite, associando informações sobre comportamento humano e o adolescente da atual geração, comecei a obter resultados. Foram 08 livros já publicados, dois ilustradores e alguns esboços para análise. “Dom Casmurro” continua encantando e “A paixão dos diamantes”, de Justiniano José da Rocha (1839) ainda rendendo apostas!

No início, é possível perceber muitos olhinhos brilhando, cheios de curiosidade. Quando a partir da biografia dos autores os alunos percebem que estes são humanos como eles, com dificuldades e realizações ao longo da vida, entendem que também podem eles tentar. E assim começam a passar para o papel as próprias emoções ou as histórias de ficção que criam. Há também muitos poemas e textos imagéticos sobre variados assuntos.

Aqueles que se interessam em aprofundar nessa escrita, apresentam-me a proposta de texto (tema, público-alvo, ideias, gênero textual) que pretendem desenvolver. Marcamos uma reunião de análise e, à medida que vão escrevendo, marcamos novas reuniões para análise e sugestões sobre o material. Nesse ponto, os pais são convidados a também estarem presentes à reunião a fim de que entendam o processo e as etapas até a publicação. É interessante deixar claro que o apoio da instituição de ensino também é fundamental. No caso desse projeto, a Direção apoia e incentiva a participação dos alunos, não havendo nenhum custo para as aulas e reuniões dos que do projeto fizeram parte.

Finalizada a revisão e já formatado em livro, as famílias são orientadas a procurar uma editora e, a partir daí, assumem o lançamento. É interessante ressaltar que todos esses livros são registrados na Biblioteca Nacional, contando com ficha catalográfica completa. Outro ponto importante é a quantidade de alunos que prestigiam o lançamento dos livros, bem como as famílias presentes. Em quase todos os lançamentos, compuseram a mesa de honra representantes da Academia Montesclarensense de Letras da cidade (Montes Claros, no norte de Minas Gerais) e algumas autoridades locais, também amantes da literatura.

Os lançamentos de livros são sempre momentos de cultura e de aprendizado, pois ao presenciarmos tamanho envolvimento e brilho nos olhos de autores tão jovens, sentimos nossas energias renovadas e temos a confirmação de que é possível trilhar um caminho rumo ao aprendizado significativo: o conhecimento do outro e o de si mesmo.



## CONCLUSÃO

Há ainda quem pergunte por que ser professor em um cenário desfavorável a esse profissional. Penso que o cenário muda até para que possamos exercitar melhor nosso olhar e descobriremos outras estratégias de ensino. Como professores, não temos como seguir receitas prontas e esperar que todas apresentem o resultado que almejamos. Muitas vezes, é longe disso.

Receitas são resultados de experimentações e de possíveis caminhos a serem percorridos. É aprendendo com o caminho que o outro já trilhou que traçamos nossa própria rota. É sim possível, em pleno século XXI se encantar pela docência e encantar também os alunos. Há muitas maneiras de ajudá-los a descobrir o poder da leitura e da escrita e o quão ricos são os textos que escrevem. Trata-se também de o professor – guia nesse mar de possibilidades – dar um primeiro passo, procurando se capacitar e ousar mais. É preciso acreditar na diferença do trabalho que faz e procurar fazer a diferença na vida dos alunos. A literatura proporciona isso.

E por que sim à literatura? Porque pode nos tirar desse estado de hipnose e nos fazer enxergar a nós e aos outros, entendemos que vivemos na mesma sociedade e somos responsáveis por ela. Castelo Branco finaliza um de seus artigos intitulado “Para onde vai a Literatura?”, citando Roland Barthes. Aqui, para finalizar o presente relato, tomo emprestadas as palavras dele já tão conhecidas de todos nós. “Se, não sei por que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva” (BRANCO apud Barthes, 2014, p. 90).

## REFERÊNCIAS:

- AZEVEDO, José Ricardo Duff. Onde estão os textos literários em tempos utilitários marcados pelo individualismo, a técnica e a economia? In: BELMIRO, Célia Abicalil... (et al.).(org) Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BRANCO, Lúcia Castello. Para onde vai a literatura? In: BELMIRO, Célia Abicalil... (et al.).(org) Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- PINSKY, Mirna. Os trilhos e o trem. In: BRAIT, Beth. (org) Literatura e outras linguagens. São Paulo: Contexto, 2010.